

Avaliações e *Rankings*

Avaliação e ordenação de pessoas e instituições são grandes objectivos da nossa era. O assunto merece meditação. Ele não é simples e leva a questões pouco (ou nada) abordadas. Que pensarão os professores de um *ranking* dos professores?

Os *rankings* constituem uma das grandes obsessões dos nossos dias. O termo *ranking* tem um ar científico e misterioso que ultrapassa a palavra ordenação, demasiado corriqueira. Mas, para dizer a verdade, fazer um *ranking* de pessoas não é mais do que pô-las em carreirinhas: uma é a primeira, outra a segunda, etc., até à última. Convém fazê-lo só com pessoas de maior idade, com menores corre-se o risco de os traumatizar para toda a vida. Falemos mais matematicamente: dado um conjunto de professores, pretende-se definir nele uma ordem total. É de esperar que os matemáticos questionem logo: mas por que não uma ordem parcial? O certo é que, tanto quanto se sabe, os matemáticos não questionaram, o que é de admirar pois os matemáticos complicam sempre ou quase sempre. Portanto, prossigamos pela via mais simples ou mesmo simplória: queremos uma ordem total.

Conviria que a ordenação tivesse alguma coisa a ver com a qualidade do respectivo desempenho, embora, se não tiver, o problema não seja grave. O que importa é que todos (ou quase todos) acreditem que tem.

Idealmente deveria ser assim: o professor A é melhor do que o professor B se e só se, na tal ordem total, $A \geq B$. Está fora de questão que A e B não sejam comparáveis pois, por razões ainda não esclarecidas, rejeita-se a ordem parcial.

Mas há mais dificuldades, não quanto à ordem total e ao significado de $A \geq B$, mas quanto à definição de “o professor A é melhor do que o professor B”.

O que é que isto significa? Podemos considerar vários significados, como, a título de exemplo:

O professor A é melhor do que o professor B se e só se (i) os alunos do professor A se sentem mais felizes do que os do professor B, (ii) os alunos de A aprendem mais, em quantidade, do que os do professor B, (iii) os alunos de A aprendem o mesmo do que os de B mas mais rapidamente, (iv) os pais dos alunos de A dizem que os seus filhos estão melhor com A do que com B, (v) os alunos acham mais piada a A do que a B, (vi) os avaliadores definidos por lei dizem que A é melhor do que B.

Poderia ainda distinguir-se o sentido forte e o sentido fraco nesta relação, o que se conseguiria, tendo, por exemplo, em linha de conta a origem social dos alunos, etc., etc. São questões filosóficas que normalmente não são abordadas mas que estão na base de tudo e a sua falta de discussão explícita está na origem de muito desentendimento.

Concentremo-nos num ponto: as aulas assistidas para efeitos de avaliação.

Entende-se que alguém assiste às aulas dos diversos professores e lhes atribui uma pontuação. Levantam-se vários problemas: quem assiste e em que condições?

Como primeira hipótese, pode parecer que deveriam ser os alunos a assistir e a emitir uma opinião. São eles os utentes do serviço prestado pelo professor. Um exame mais cuidado conduz a dificuldades difíceis de superar. De facto, aqui, “utente” e “serviço” não têm o mesmo significado

Inquérito

[Avaliações e Rankings]

que noutras circunstâncias em que há alguém que serve alguma coisa e um utente que deve ficar satisfeito com o serviço pelo qual paga e do qual pode desistir, ou mudar de fornecedor, se não gostar. Pense-se, por exemplo, num restaurante.

Mais, se um aluno influir na classificação de um professor, este perde autoridade e ele tem de ter alguma, pois não se deve limitar a satisfazer os gostos e solicitações dos alunos, mas obrigá-los (quem não gostar desta palavra pode substituí-la por um eufemismo) a aprender. Salvo se se alterar a concepção (ou seja, a definição) de escola, outra via a explorar.

Pior, se o aluno classifica o professor, será inevitável a tendência deste para subir a classificação que, por seu turno, deverá dar ao aluno. Corre-se o risco de um inflacionar de notas. No caso da Matemática talvez não fosse muito grave mas, imagine-se, num curso de Medicina, um professor de cirurgia a fugir das retenções (em português corrente, chumbos) ou a distribuir dezanoves e vintes a alunos que não sabem distinguir um bisturi de um facalhão de matar porcos.

Segunda hipótese: é um (ou mais do que um) professor a assistir.

Terceira hipótese: são os pais dos alunos.

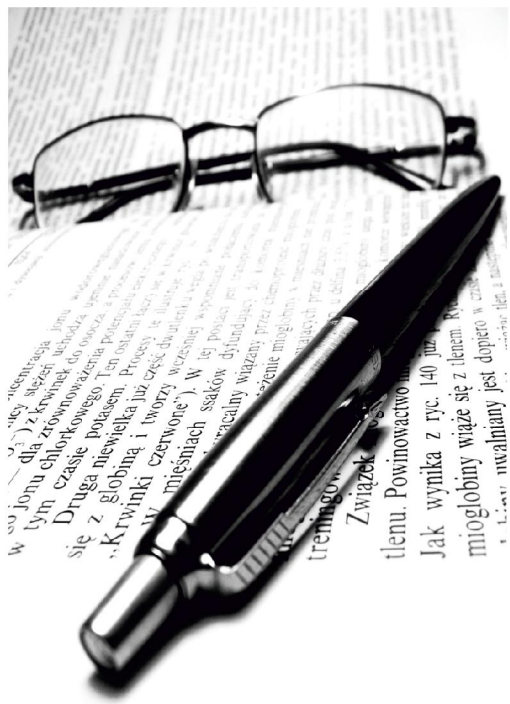
Examinada a primeira hipótese, passemos à segunda e à terceira (podendo imaginar-se mais). É fácil verificar que qualquer uma tem inconvenientes, muitos de peso, e, provavelmente, é a segunda que concita menor oposição. Vejamo-la em pormenor, pois há algumas dificuldades técnicas a ultrapassar.

O professor avaliado deverá ser avisado previamente de que, na data tal, terá outro professor a assistir à sua aula? Se sim, a aula não será igual às outras, será especialmente preparada (como é costume nas provas de agregação dos professores universitários que ninguém toma como exemplo de uma aula normal). Se não, a presença inesperada de um avaliador introduzirá fatalmente perturbações que tornarão a aula diferente das outras. Há uma outra solução: o avaliador assiste à aula sem que o avaliado saiba que está a ser espiado (por exemplo, através de um orifício na parede). A virtude é óbvia: assistir-se-á a uma aula (ou mais) normal, não perturbada por acontecimentos estranhos. Mas quem se atreverá a defender este método? Ainda há muita gente que pensa que os professores merecem respeito

e não aprovará. Mas, então, que outras hipóteses restam para uma boa avaliação das aulas?

Perante tamanhas dificuldades, a *Gazeta de Matemática* foi ouvir opiniões de professores.

Claramente, o *Inquérito* não pretende tirar conclusões com valor estatístico tão-somente expor opiniões (curtas) que fomentem a meditação. O tema de hoje é complexo mas, por razões de espaço, as respostas têm de ser, como sempre, muito breves. Limitamo-nos a perguntar aos nossos colaboradores: o que lhe apraz dizer sobre o tema exposto?



Maria Manuela Teixeira Moutinho (Escola EB 2,3/S, Carrazeda de Ansiães)

A avaliação é sempre um assunto delicado, que exige muita ponderação, reflexão cuidada e muito bom senso.

Não sou contra a avaliação docente, considero que os professores devem ser avaliados e os “bons” professores devem ser premiados, se não de outra forma, pelo menos pelo reconhecimento do seu trabalho.

O problema, em minha opinião, está em definir

critérios que permitam fazer uma avaliação justa do trabalho de um professor.

Dentro do universo de todos os docentes há imensos subgrupos que têm especificidades muito diferentes: deverá um professor de Educação Tecnológica ser avaliado segundo os mesmos parâmetros que um professor de Matemática? Deverão, por exemplo, os professores do 1.º ciclo e os do ensino secundário ser avaliados mediante os mesmos parâmetros? Será justo um professor ser avaliado em função dos resultados escolares dos seus alunos? E quem exactamente, e de acordo com que critérios específicos, vai intervir na avaliação dos professores?

Todo o professor sabe que avaliar é extremamente difícil e não muito objectivo. Provavelmente é a parte mais complicada e mais angustiante do nosso trabalho.

A posição do professor avaliado não é confortável, sobretudo se pensarmos numa aula assistida com uma turma mais indisciplinada ou com fraco aproveitamento à disciplina, mas acredito que a posição do professor avaliador também esteja longe de ser uma posição fácil. Vejamos, enquanto professores, todos nós temos de avaliar e sabemos muito bem como é difícil traduzir num número o trabalho desenvolvido pelos nossos alunos ao longo de todo um ano lectivo. E passamos com eles um tempo considerável!

O professor avaliador vai assistir a um número reduzidíssimo de aulas e tem de classificar o trabalho do colega! E com base em que parâmetros é feita essa avaliação? O que é afinal uma boa aula? Uma boa aula, para mim, será também uma boa aula para outro dos meus colegas?

É urgente adoptar e adaptar um modelo de avaliação que realmente tenha em consideração o que é o trabalho de um professor na sua generalidade mas também em toda a sua especificidade. Lidamos com alunos que são pessoas que podemos educar e orientar e não com máquinas que podemos dominar e controlar.

Helena France (Escola Secundária de Viriato, Viseu)

Um *ranking* dos professores é um disparate ainda maior do que um *ranking* de escolas. Como se pode comparar escolas com alunos tão diferentes? Como se

pode comparar professores que trabalham em condições tão distintas? A avaliação é um processo complexo, qualquer que seja a situação. No caso dos professores, é ainda mais. Ser avaliado, quando não se dominam todos os factores que influenciam a avaliação, é quase uma experiência aleatória: é uma sorte termos alunos interessados no seu futuro e que dão a devida importância ao seu percurso escolar (não necessariamente muito bons alunos); é uma sorte termos pais (E.E.) que compreendem a importância da escola na educação dos seus filhos; é uma sorte estarmos numa escola “boa” e que, por isso, tem uma quota considerável para classificações “Muito Bom” e “Excelente”. Por outro lado, temos um problema de “extremos” ou, mais propriamente de “máximos relativos”. O que eu quero dizer com isto é que, em determinados parâmetros de avaliação, os avaliados são inevitavelmente comparados com outros colegas (as quotas a isso obrigam). Assim, a classificação pode ser influenciada pelo desempenho de outros colegas e o melhor professor numa escola poderia não ser o melhor se estivesse noutra escola.

No actual modelo de avaliação de desempenho de um professor há partes que são objectivamente avaliadas, mas também há aquelas que dependem bastante da capacidade que um professor tem de mostrar o que faz. De facto, não basta fazer! É necessário mostrar que se faz! Há também o perigo de se valorizar a quantidade em detrimento da qualidade.

Com tudo isto, corre-se o risco de deixar para segundo plano o que realmente é importante: o trabalho diário com os alunos.

Sou de opinião de que uma avaliação deve ser feita (mas não com o objectivo de construir um *ranking*). Como? Não sei.

Quem é que tem mais mérito? O professor que à partida tem alunos bons e empenhados que naturalmente conseguem obter as melhores classificações ou o professor que tem alunos com grandes dificuldades e que, não desistindo desses alunos, consegue que eles trabalhem e progridam na sua aprendizagem, ainda que com resultados modestos?

O que motiva um professor são os seus alunos. Um professor deve estar concentrado na preparação das suas aulas e na evolução dos seus alunos e em tudo o que isto envolve. Tudo o resto é “cosmética”!^M